A GRAÇA QUE ACOLHE – A JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ – QUESTÕES TEOLÓGICO-PASTORAIS RELATIVAS AOS CRISTÃOS QUE SE AFASTAM.

INTRODUÇÃO

Depois que recebi o convite dos organizadores deste Fórum para falar sobre o tema proposto, entre tantos desafios trazidos por um convite desta grandeza, um, principalmente, logo se revelou como o maior de todos. É o seguinte: visto que o tema é tão abrangente, de que maneira poderei desenvolvê-lo para ir ao encontro da preocupação e das expectativas deste Fórum? Tanto a preocupação quanto as expectativas do Fórum estão muito claras. A preocupação é com os cristãos que se afastam; as expectativas são as de receber contribuições aplicáveis especialmente numa ação pastoral junto a tais cristãos. O resultado do enfrentamento de tal desafio segue agora.

Na revista *VOX SCRIPTURAE* da Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, localizada na cidade de São Bento do Sul, Santa Catarina, no volume XVIII, nº1, de julho de 2010, no artigo escrito por Estevam F. Kirschner, com o título **A Sinagoga, a Praça e a Academia**, p. 75, o autor lança o alerta de que é preciso recuperar *a capacidade cristã de indignação* e afirma que ***às vezes parece que estamos anestesiados diante do mundo e do seu panteão***. A preocupação deste Fórum é um sinal de que, se temos estado anestesiados, o efeito da anestesia está passando, o que é bom, muito bom. Será, então, o primeiro movimento para que recuperemos a nossa capacidade cristã de indignação diante de um triste quadro que revela cristãos se afastando dos meios pelos quais Deus Espírito Santo os chamou à fé e quer se servir de tais meios para conservar os cristãos na fé salvadora.

Cristãos que se afastam é um quadro que muito nos entristece. Se não estamos anestesiados, além de sentir tristeza, também somos agitados por ele. Nossa tristeza e agitação são provocadas não apenas porque deixamos de ver tais pessoas mais próximas da igreja, mas, e este é o ponto, porque são pessoas que estão mergulhando numa situação onde só têm a perder e, mais do que isso, onde se distanciam do amparo e do socorro para quem é criatura e é pecador, como elas o são, e nós também. É um quadro que também entristece e agita a Jesus, o Senhor da igreja. As parábolas dos perdidos registradas no capítulo 15 do evangelho de Lucas retratam bem a reação de Jesus diante de tal situação. Cristãos que se afastam é uma preocupação bíblica. Sempre haverá as ovelhas perdidas, as moedas perdidas e os filhos pródigos. Por isso, cabe à igreja cristã, especialmente aos seus líderes e pastores, não se esquivar da preocupação com aqueles que se afastam, embora sejam muitas e variadas as ofertas de anestesias para nos tornar indiferentes ou nos pôr a dormir diante do afastamento daqueles que são alvo do mesmo amor de Jesus que tanto nos é querido e valioso. Sim, os que se afastam também são alvo do mesmo amor de Jesus que é dedicado a cada um de nós.

No escrito ***Exortação ao Sacramento do Corpo e Sangue de Nosso Senhor***, OS, vol. 7, p. 224,225, o Reformador Martinho Lutero fala do descaso que as pessoas tinham pelo Sacramento da Santa Ceia, e, a certa altura, afirma o seguinte: *Temo, porém, e acredito que tudo isso é, em grande parte, culpa nossa, dos que somos pregadores, pastores, bispos e cura d'alma, uma vez que deixamos as pessoas sem que se emendem, não as exortamos, não incitamos, não admoestamos, como o exige nosso ministério. E ficamos roncando e dormindo tão seguros como eles, e não pensamos mais longe do que: quem vem, vem; quem não vem, que fique de fora, e*

de ambos os lados procedemos de uma forma que bem poderia ser melhor. Pois, enquanto isso, estamos sabendo que o satã infernal e príncipe deste mundo não descansa. Ele anda em derredor dia e noite com seus anjos, tentando tanto a nós mesmos como as pessoas. Detém-nos, impede-nos e nos torna preguiçosos e negligentes para todo culto a Deus, procurando enfraquecer ao máximo Batismo, Sacramento, Evangelho e toda ordem de Deus, se não é que os consegue suprimir por completo. Por isso deveríamos, por outro lado, procurar ser os anjos e vigias do nosso Senhor Cristo.

Não está no propósito deste trabalho fazer muita menção de possíveis causas do afastamento de cristãos de suas igrejas. Queremos algo diferente: pensar sobre a nossa reação diante de um fato tão presente entre nós, tão triste, tão preocupante, tão importante para Jesus. Se é importante para o Senhor, não pode ser diferente para sua igreja!

Antes de seguir adiante, é indispensável rever brevemente a nossa compreensão de igreja. O que é igreja? Uma organização formada apenas por gente "certinha", gente comprometida com certos princípios, que abraça aqueles que vão com ela, mas coloca adjetivos nada bonitos naqueles que se afastam, adjetivos do tipo "relaxados", "gente que não quer nada com nada", "perdidos" ou outros do mesmo teor e assim se deixa anestesiar. Quando muito até lamenta a situação em que se encontram os alvos de tais adjetivos e talvez busca uma tímida ação junto a eles, logo abandonada se os resultados não forem imediatos? Uma igreja assim é vista como uma organização que deve funcionar, por isso, quem contribui para que a estrutura funcione, é bem visto e bem abraçado. Quem, todavia, passa a ser uma pedrinha que faz trancar o movimento da engrenagem, ou se ajeita para que a engrenagem volte a funcionar, ou então é posta de lado. O que importa é que a engrenagem funcione!

Sou pastor da Igreja Evangélica Luterana do Brasil e, por isso, só posso falar daquilo que acontece dentro da minha igreja. A crítica que segue agora se aplica, portanto, apenas à minha igreja. Somos tentados a ver a igreja como uma estrutura que deve funcionar. Por isso, nela devem acontecer xis números de cultos, xis números de batismos, xis números de celebrações da santa ceia, xis números de visitas, xis números de novos membros, xis valor de ofertas, xis números de reuniões de departamentos e assim por diante. Mas a grande pergunta é: por que tudo isso deve acontecer? Para que tenhamos uma satisfação pragmática de olhar para os números estatísticos no final de um ano e chegar à conclusão de que a estrutura funcionou? Se isso acontecer, é evidente que não é proposital. Contudo, pode acontecer, como efeito da anestesia diante do mundo e do seu panteão, pois no mundo você vale por aquilo que produz, por sua contribuição para que as coisas funcionem e funcionem bem. As congregações e pastores de nossa igreja precisam preencher um formulário estatístico a cada ano. Tal formulário, embora tenha sua importância e utilidade, é um retrato da "produção" daquele ano. Até hoje ainda não apareceu nos nossos formulários estatísticos um item que, a meu ver, lá deveria estar presente. Percebi isso em meio à reflexão para escrever este trabalho, por isso a carapuça serve também em mim, pois já fui presidente da Igreja. É este: número de cristãos que estavam afastados, foram procurados e retornaram para o convívio dos seus irmãos. O arrependimento e volta de um pecador que havia se afastado provoca grande júbilo no céu, segundo as palavras de Jesus. Vejam a importância do fato! Será que não vale a pena registrá-lo nas nossas estatísticas para que aqui na terra, entre nós, também jubilemos e louvemos a Deus? Claro que sim, pois é por meio da igreja que o Bom Pastor vai em busca da ovelha perdida.

A sua alegria quando a encontra, é também a alegria da igreja. Por isso, cuidemos e cuidemos muito para não alimentar uma visão pragmática de igreja, que é um veneno, e entre os efeitos desse veneno está a eliminação da visão teológica de igreja. Este Fórum de Teologia, a partir do tema escolhido, coloca sobre seus ombros, ou melhor, sobre os ombros de todos nós, a necessidade de refletir sobre o tema a partir de uma visão teológica de igreja. Ela existe como o corpo de um Senhor que não fica parado e indiferente diante do afastamento daqueles a quem Ele ama.

Capítulo 1

Nosso olhar para os afastados a partir da graça que acolhe.

Olhar para os afastados pode ser algo que nos traz desconforto porque nos desafia a agir fora do que é costumeiro. Estamos acostumados a pensar em ações geralmente voltadas para aqueles que vêm à igreja. Preparamos cultos para os que vêm; sermões para os que vêm; estudos para os que vêm e assim por diante. Evidentemente que isso é importante, extremamente importante, até porque cultos, sermões e estudos bem preparados é o mínimo que se espera de respeito da parte do pastor para com as pessoas que comparecem às programações da igreja. Não se preparar bem é, antes de tudo, manifestação de desrespeito para com as pessoas. No entanto, quando isso preenche nossa rotina de trabalho, e a rotina acaba nos colocando numa zona de conforto, qualquer indício de ação fora do rotineiro pode se transformar em ameaça ao nosso conforto. É mais fácil trabalhar sempre com as noventa e nove ovelhas que vêm, do que ir atrás daquela que se afasta e talvez tenha caído no meio de espinhos. E daí ... como chegar a ela por entre os espinhos que a prendem? Será mais cômodo deixá-la entre os espinhos, afinal, não aproveita as oportunidades que a igreja oferece porque não quer. Logo, é problema dela!

Essa é uma maneira de olhar para os afastados. Mas não é a correta. Deus olha para eles de forma diferente. Diferente da nossa maneira de olhar, porém igual à forma pela qual Ele olhou para nós. Também estávamos afastados do seu rebanho. Fomos buscados e colocados entre as noventa e nove, porque Deus olhou para nós na sua graça e olha da mesma maneira para os que se afastam. Por isso, só olharemos corretamente para os afastados quando reconhecermos e lembrarmos que o olhar de Deus para eles é o mesmo olhar que o Senhor dirigiu e continua dirigindo para cada um de nós, os que estamos entre as noventa e nove. A sua graça é uma graça que acolhe. Nós fomos acolhidos por ela; mas certamente ela quer acolher a outros, principalmente os afastados.

A graça de Deus que acolhe é definida como *um favor gratuito e imerecido de Deus para os pecadores*. Essa definição da graça de Deus tem o poder de gerar páginas e páginas a seu respeito. Sabe-se lá quantos milhares de páginas já foram escritos com o intuito de refletir sobre tal favor gratuito e imerecido de Deus para com os pecadores. Não cabe aqui e agora muito falar sobre tal cousa, por razões óbvias. Mas algumas colocações não podem ser omitidas. São as seguintes:

1ª) A graça de Deus acolhe a todos. Não há merecimento da parte dos acolhidos. Nada existe em nós que nos torne, pelo menos, um pouco dignos do acolhimento da graça divina. Por isso, não somos melhores ou mais importantes do que aqueles que se afastam. Ir atrás de quem

se afasta não se compara à ação de um rico buscando um mendigo. Pelo contrário, é um mendigo buscando trazer outro mendigo para que ambos desfrutem do aconchego da casa do Senhor gracioso.

2ª) Se olhamos para nós e nos vemos como mendigos acolhidos pela graça de Deus, nos identificaremos com aqueles que se afastam. Não os veremos como pessoas inferiores a nós, menos dignas do que nós, que simplesmente devem ser deixadas para sofrer as consequências do seu afastamento, mas sim como objetos do olhar gracioso de Deus para com todos os mendigos, eles e nós.

3ª) A igreja é formada por gente acolhida pela graça de Deus, sem nenhum merecimento. Ora, gente acolhida é gente que acolhe. Nenhum mendigo é menos mendigo do que outro. Por isso, há que se ter o cuidado para não sermos nós os que afastam aqueles que se afastam. Por causa da corrupção do pecado em nós, corremos o risco permanente de ser mendigos afastando outros mendigos. Isso facilmente acontece quando vemos somente o outro como mendigo e não mais a nós próprios. Em lugar de atitudes solidárias com aqueles irmãos tão mendigos quanto nós, poderemos feri-los com palavras e atitudes que os colocarão distantes do banquete que o Senhor põe à disposição também deles. A título de ilustração, o que acham das seguintes reações diante de alguém que, tendo estado afastado dos cultos por bom tempo, ao chegar, ouve dos irmãos mais ou menos isso: *Hoje vamos ter temporal com chuva de pedra; vejam quem apareceu!* Ou, então: *Ora, ora, quem é vivo sempre aparece!*

4ª) A pregação da igreja pode afastar da graça que acolhe. É o risco de uma pregação e ensino que não deixam clara a **razão** da ação graciosa de Deus para conosco. Graça e sinergismo jamais combinarão. Deus acolhe-nos na sua graça justamente porque nada temos a oferecer como motivo para que Ele nos acolha. A lei de Deus precisa ser anunciada com toda a clareza para matar nosso sinergismo e nos tirar da zona de conforto da idéia de salvação por merecimento. Anunciar a lei com este propósito não significa ser legalista. Temo que o medo de sermos taxados de legalistas prejudique a pregação da lei. Mas quem a graça de Deus acolhe? Ao pecador que, na sua miséria, na sua pecaminosidade, foi feito pó pela lei de Deus, que lhe tirou qualquer expectativa de se apresentar diante do Senhor como digno de alguma coisa. O saudoso Prof. Martim Carlos Warth, no seu livro *A Ética de Cada Dia,* p. 49 e 50, falando do 2º uso da lei na sua função **pedagógica**, afirma o seguinte: *Deus toma a pessoa pela mão e a conduz para fora da imanência dela. A pessoa já descobriu que dentro de si mesma não há recursos para superar a crise. Se houver uma solução, ela precisa vir de fora. A única solução é reconhecer a sua incapacidade e apelar para o próprio Criador. Se houver saída, o Salvador tem que ser Deus mesmo.* Sim, é lá no pó, quando tudo de sinergismo e justiça própria foi desfeito em nós pela lei, que o olhar gracioso de Deus nos alcança, fazendo com que o Senhor nos socorra com o poder consolador, salvador e animador do seu precioso evangelho, o evangelho da graça que acolhe.

5ª) A atitude da igreja pode afastar da graça que acolhe. Podemos errar através de boas intenções. Dou um exemplo: o significado de graça como *favor imerecido de Deus para com os pecadores*, que nada mais são do que mendigos, fica prejudicado quando, por exemplo, o pastor, no final do culto, agradece pela presença das pessoas no culto. É mais ou menos como se o Deus gracioso dissesse: *Muito obrigado, mendigos, que vocês vieram, afinal de contas eu não mereço*

tanto da parte de vocês. Uma coisa é manifestar a nossa alegria com a presença dos irmãos e dos visitantes; outra coisa, completamente diferente, é deixar transparecer que fazemos um favor a Deus ou ao pastor comparecendo aos cultos. Ser amável para com os que vieram é excelente intenção, contudo precisa ser bem conduzida para não despedir com pensamentos equivocados os presentes ao culto. Nada deve atrapalhar a verdadeira alegria que nos acompanha ao voltarmos para casa após o culto. Ela brota da presença graciosa e salvadora de Jesus Cristo entre aqueles que estiverem reunidos no culto. Afinal, lá estavam mendigos sendo alimentados com um banquete, o banquete da salvação, servido na Palavra, no batismo e na santa ceia.

6ª) A graça acolhe a igreja que deseja acolher. A igreja cristã sempre foi, é e será uma igreja carente e dependente. Sua existência, sua permanência e sua ação não nascem da capacidade própria da igreja. Por isso, é uma igreja carente da graça divina e totalmente dependente dela. Pois, por incrível que pareça, nessa carência e dependência está a motivação para a igreja agir na busca dos que se afastam. E não apenas a motivação, porém igualmente a garantia de que tal ação não será em vão. É na graça de Deus que nós, cristãos, buscamos consolo para nossa indiferença ou atitude errada para com os que se afastam. Tal consolo vem a nós no perdão trazido por Jesus Cristo. É na graça de Deus que buscamos força e energia para sair da zona de conforto na qual às vezes nos encontramos, talvez anestesiados por uma idéia errada do que vem a ser igreja. É na graça de Deus que está a razão para sairmos deste Fórum não com sentimento de derrota ou de impotência diante da realidade de afastamento de muitos da igreja, porém com a certeza de que o Senhor acolhe aqueles que , embora fracos e limitados, passaram a olhar os que se afastam a partir da graça divina que a todos acolhe. Podemos, sim, sair daqui animados para uma ação mais intensa e mais amorosa na direção dos afastados, porque somos uma igreja acolhida pela graça de Deus, o Deus que sustém, que perdoa, que fortalece e põe em ação aqueles que passam a olhar para os que se afastam da mesma maneira que o faz o Senhor.

Capítulo 2

Nosso olhar para os afastados a partir da justificação pela fé.

As doutrinas da graça de Deus e da justificação pela fé são preciosos exemplos da valorização do ser humano. Não que ele se valorize; não, ele é valorizado. É alguém que tem importância, tem valor aos olhos do seu Criador. Por isso, também o nosso olhar para os afastados a partir da justificação pela fé, não pode ser diferente do olhar de Deus. A doutrina da justificação pela fé nasce de uma obra de amor máximo, inigualável entre as pessoas. O versículo 16, do capítulo 3 do evangelho de João, comprova o que afirmamos: *Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o seu Filho unigênito (quanto amor emana dessa ação de Deus), para que todo o que nele crê (justificação pela fé), não pereça, mas tenha a vida eterna*.

A doutrina da justificação pela fé obriga-nos a destacar, no mínimo, três verdades básicas. São elas: o significado de “justificação”; a compreensão do “pela fé” e o “objeto certo” da fé. Sem mergulhar a grandes profundidades na análise dessas três verdades, vamos pontuar alguma coisa a respeito de cada uma.

1ª) O significado de "justificação": a justiça necessária para alguém ser recebido por Deus como pessoa salva não é adquirida nem em parte e muito menos totalmente pelo ser humano, seja ele quem for. É a verdade nua e crua exposta aos nossos olhos. Dela fala o apóstolo Paulo na carta aos Romanos 3.10-12: *Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer*. No entanto, para todos que não são justos, para todos que se fizeram inúteis, se fala em "justificação". Por quê? Porque ela existe; ela é um presente recebido de Deus. Deus pega a justiça de Cristo, o único verdadeiramente justo, e a coloca sobre nós. E então, revestidos da justiça de Cristo, somos declarados, por Deus, justificados, justos, santos. Tudo por causa de uma justiça alheia: a justiça de Cristo. Por essa causa, o apóstolo Paulo pode afirmar aos Gálatas, capítulo 3, versículo 27, o seguinte: *Porque todos quantos fostes batizados em Cristo, de Cristo vos revestistes*. Visto que somos declarados justos por receber a justiça de Cristo, nunca será tarde demais para olhar para os afastados. O filósofo inglês John Locke afirmou que somos empiristas, ou seja, que nossa razão é limitada pela experiência e fiscalizada pela experiência. Isso pode nos levar a considerar tarde demais ou infrutífera uma ação de busca aos afastados, pois, talvez, a experiência tenha mostrado que esforços já desenvolvidos não tenham dado resultado. Nossa experiência, todavia, não tem a autoridade para limitar o tempo da graça de Deus. Além disso, a justificação pela fé não exige como garantia um determinado tempo para gradualmente a pessoa se tornar justa ou merecedora da atenção e do amor de Deus. Buscamos os afastados não para que voltem à igreja; mas para que recuperem o consolo, a alegria e a segurança da justificação, pois tais maravilhas são fruto da paz com Deus. E como ela vem? O apóstolo Paulo responde em Rm 5.1: *Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo*.

2ª) A compreensão do "pela fé": a urgência da ação a favor dos afastados está diretamente relacionada com a compreensão do "pela fé". No diálogo com alguns deles possivelmente ouviremos que eles não perderam a fé ou que continuam acreditando em Deus. Que bom! responderemos nós. Só isso, todavia, não basta. A fé salvadora é obra total de Deus Espírito Santo. Ele é tanto o criador como o mantenedor da fé. Aliás, somos agraciados com o maior milagre que existe. Não é a cura de um câncer ou uma bênção material. É o milagre da fé salvadora, que nada mais é do que o **meio** pelo qual recebemos os resultados da obra de Jesus Cristo, a sua justiça e o seu perdão, visto ter sido ele condenado em nosso lugar. É a fé que nasce da ação do Espírito Santo em cumprimento à promessa deixada por Jesus e registrada no capítulo 10 do evangelho de João, versículos 7 a 10, segundo a qual o Senhor enviaria o *Consolador para convencer o mundo do pecado, porque não crêem em Jesus.* O grande pecado de alguém é não crer em Jesus; o grande milagre na vida de alguém é crer em Jesus! O Espírito Santo não atua diretamente na vida das pessoas. Ele se vale de meios pelos quais cria e mantém a fé salvadora. São conhecidos na Sistemática como **os meios transmissores**: Palavra e sacramentos, batismo e santa ceia. São os banquetes de salvação, servidos pelo Deus gracioso aos mendigos de sua graça. São banquetes para nós, são meios pelos quais Deus Espírito Santo conserva e fortalece nossa fé para que continuemos recebendo os resultados da obra de Jesus Cristo, sua justiça, seu perdão e salvação. **Mas são banquetes servidos também para alimentar e salvar aqueles que se afastam**! "Pela fé" pressupõe a existência da fé, que não é apenas um acreditar em Deus, porém é uma confiança naquilo que Deus oferece para o meu perdão e a minha salvação. Na busca do cristão afastado seremos movidos pelo amor a ele, desejando

ansiosamente ter novamente a companhia dele na recepção dos meios usados pelo Espírito Santo para conservar nele a fé salvadora. O cristão afastado, assim como nós mesmos, necessita urgentemente de tais meios. Lembra-nos disso o *Artigo XII da Apologia da Confissão de Augsburgo, parágrofo 42*: *... a fé é concebida e confirmada pela absolvição, pela audição do evangelho, pelo uso dos sacramentos, para não sucumbir enquanto luta com os terrores do pecado e da morte*.

3ª) O "objeto certo": a fé salva não por ser fé, mas por causa do seu objeto. Por isso, nosso olhar para os afastados a partir da justificação pela fé sempre vem acompanhado do zelo irrestrito no anúncio do objeto certo da fé salvadora. Anunciamos a exclusividade da salvação por meio da fé em Jesus Cristo. É um Cristo que não está longe; é um Cristo que não nos exige entrar em fila de espera para chegar na sua presença; é um Cristo que não leva em conta nosso passado para nos acolher com sua salvação. **Creio que esta certeza é a maior e mais bela mensagem que podemos levar para os cristãos afastados**. O passado deles, o afastamento deles, seja lá por que razão for, por quanto tempo for, não impedirá o Salvador Jesus de recebê-los para lhes estender o perdão e a salvação, aliás, a única salvação que existe, pois fora de Cristo não existe salvação. Colocar este Cristo diante de todos para que tenham o objeto certo de sua fé é objetivo intransferível e irremovível de qualquer ação a favor dos afastados. É preciso lembrar que nem sempre a igreja tem enxergado esse objetivo como o mais importante a ser atingido. Às vezes, corremos o risco de nos lembrar dos ausentes porque estão faltando as suas ofertas, por isso, vamos atrás deles para que retornem, na esperança de que retornem, especialmente, as suas ofertas. Vejam, então, o equívoco que cometemos: se voltarem e novamente ofertarem, haverá tranquilidade de nossa parte. Mas será que a confiança deles no objeto de sua salvação está verdadeiramente direcionada para o objeto certo? Não tenho certeza disso! Vamos, portanto, à procura dos afastados, para que neles renasça a confiança que os leve a cantar: "Eu tenho um amigo que me ama, me ama, me ama; eu tenho um amigo que me ama, seu nome é Jesus; Jesus, Jesus, seu nome é Jesus; Jesus, Jesus, seu nome é Jesus". A fé que salva é aquela que está colocada no Jesus que nos ama, que nos recebe de volta, que nos cobre de perdão e que nos dá, sempre de novo, a feliz oportunidade do recomeço junto da família da fé.

Conclusão

O cristão é justo e pecador ao mesmo tempo. Coberto pela justiça de Cristo, da qual se apropria por meio da fé, ele é justo. Mas de si próprio continua pecador. O convertido não deixa de ser pecador para se tornar santo. Embora santo pela fé em Cristo, permanecerá pecador até a sua morte. A grande diferença, todavia, em relação ao não-convertido é a seguinte: seu pecado não o condenará ao inferno, pois sua condenação já foi colocada sobre Cristo.

Há também uma outra diferença entre o cristão e o não-convertido: apenas o cristão vive em meio a uma tensão. Ele é novo e velho homem ao mesmo tempo. Dentro dele convivem sua nova natureza e a velha natureza original. A Bíblia chama isso de uma guerra entre o espírito e a carne. Se o espírito enfraquecer, a carne prevalece e provoca um afastamento das coisas do espírito. Cristãos afastados são pessoas que sofrem os resultados da vitória da carne sobre o espírito. São, portanto, vítimas e não réus. Nós às vezes os transformamos em réus com nossas acusações de que são isso, isso, isso e aquilo. É, portanto, uma forma errada de olhar para eles.

Nunca teremos autoridade para sermos juízes sobre eles. Só não somos vítimas como eles porque temos sido socorridos e defendidos pela ação graciosa de Deus através dos meios da graça que estão à nossa disposição. Os afastados deixarão de ser vítimas quando receberem o mesmo socorro que está estendido a nós pelo Senhor. Por isso, preocupar-se com eles, ir ao encontro deles, nada mais é do que repartir com eles o socorro que nos mantém vivos e salvos no meio da tensão entre espírito e carne. Dentro desse contexto, permitam-me lhes expor o que penso ao final de um culto. É o seguinte: "Voltarei no próximo culto porque aqui encontro o socorro de que preciso". Queremos de volta aos cultos os irmãos afastados para que também eles sejam levados a reconhecer que na absolvição dos pecados, na pregação da palavra, na administração do batismo e no receber da santa ceia, o Deus gracioso está presente com seu poder para alcançar a cada um de nós tão indispensável socorro. Tendo recebido o socorro, iniciamos e vivemos uma nova semana na bendita situação de filhos amados do Deus gracioso. Quem está afastado, poderá vir a perder de vista tal situação e sofrer as conseqüências dessa perda. Entre as mais sentidas está, sem dúvida, a perda da certeza de que *nada nos poderá separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor* (Rm 8.39). Perdê-la significa insegurança, incerteza e até desespero e, consequentemente, provoca a busca por segurança, certeza e amparo em lugares e coisas erradas. Por isso, o que pudermos fazer a favor dos afastados nunca será demais, nunca será em vão, nunca deixará de trazer resultados, pois será sempre uma ação acompanhada pelo olhar gracioso de Deus e regada pelo poder das suas promessas, nas quais sempre se sobressai seu amor salvador para com aqueles que, impulsionados por ventos contrários, tiveram o barco da vida afastado do porto seguro. Para esse porto, o Senhor de toda a graça que trazê-los de volta. Sejamos nós instrumentos do Senhor para tão amorosa missão. Obrigado!

Apresentado no Fórum de Teologia da ULBRA em 2 de outubro de 2014

Acréscimo: Abordagem aos afastados: Ela requer dos que abordam atitudes onde aparecem duas coisas que não podem faltar: coragem e clareza. Ao procurar os afastados, precisamos da **coragem** para lhes expor a verdadeira razão da nossa procura. Tal coragem pode tentar fugir de nós, porém não pode faltar. Trata-se da coragem de dizer aos afastados, com todo o amor, que, na verdade, quem os está procurando é Jesus, o Salvador. Não importa a razão do afastamento deles; o que importa, o que é sério, é o afastamento. O afastamento é perigoso, pois estão perdendo o que Jesus lhes quer dar para os manter perto dele e de posse da salvação que só existe nele. Na procura dos afastados também é indispensável a **clareza**. Será que os afastados percebem sempre a razão por que foram procurados? Ou tiram conclusões equivocadas da nossa procura por eles? Por isso, a clareza da nossa exposição na conversa com eles não pode ser prejudicada, sob o risco de não haver comunicação plena entre nós e eles.

Palestrante: Professor Dr. Paulo Moisés Nerbas

Fórum ULBRA de Teologia

Tema: Onde está o ter irmão? Um DNA dos que se afastam

Ez 34.11